

RESENHAS

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. 2020. *Giros Urbanos: Uma etnografia da festa do arremate da Folia de Reis no estado do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Ancestre. 242 p.

LUCAS BÁRTOLO

MUSEU NACIONAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ), RIO DE JANEIRO/RJ, BRASIL
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-0574-4354](https://orcid.org/0000-0002-0574-4354)

No Rio de Janeiro, registram-se 409 Folias de Reis, das quais 163 se concentram na região metropolitana. As folias da metrópole fluminense são o tema do estudo de Luiz Gustavo Mendel Souza, ora publicado no livro *Giros Urbanos: uma etnografia da festa do arremate da Folia de Reis no estado do Rio de Janeiro* (2020). A obra resulta de sua tese de doutoramento, defendida em 2018 sob orientação do professor Daniel Bitter no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

Célebre festejo popular do período natalino, as folias são grupos de instrumentistas e cantadores que realizam cortejos para louvar os santos Reis e o menino Deus. Durante a *saída*, período festivo entre a madrugada dos dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, os grupos realizam os *giros* ou *jornadas*, que consistem em um ciclo de visitas às casas de devotos pertencentes a uma rede de vizinhança e parentesco. Na medida em que realizam as jornadas, os foliões acumulam doações a serem consumidas ritualmente na *festa do arremate*, encerrando o ciclo festivo.

Os cortejos possuem uma estrutura hierarquizada pelo grau de domínio que os seus integrantes possuem do *fundamento*, um conjunto de códigos morais e etiquetas rituais, quase sempre ancorados em narrativas de inspiração bíblica. Assim, na linha de frente estão o *mestre* e o *contramestre* a conduzir o corpo de instrumentistas e entoando os versos das *profecias* aos devotos anfitriões. Representando os soldados de Herodes em perseguição ao menino Deus, os *palhaços* são brincantes mascarados que não ocupam uma posição fixa no cortejo, mas devem observar interditos rituais, especialmente em relação à *bandeira* – com b em minúsculo, o autor refere-se ao estandarte. Os palhaços também controlam o fundamento, a partir do qual desenvolvem as *chulas* que entoam durante as visitas. Principal símbolo do cortejo, a bandeira pode ser considerada o próprio *Santo*, sendo conduzida pela *bandeireira* à frente da folia.

Entre os grupos de foliões na região metropolitana, a saída estende-se até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. Outra especificidade é o papel do mestre como

dono da *Bandeira* – o B em maiúsculo denota o grupo folião –, sendo responsável pela organização, manutenção e transmissão do reisado.

Em seu livro, Souza nos apresenta as singularidades da Folia de Reis em meio urbano a partir da Bandeira Nova Flor do Oriente, sediada em São Gonçalo, município com a segunda maior população do estado e com cerca de 40% dos habitantes vivendo sob índice de pobreza. No deslocamento ritual pela periferia da cidade, os foliões acionam táticas de negociação para atravessar na madrugada os territórios demarcados por fronteiras materiais, morais e simbólicas.

Tais aspectos são evidenciados na etnografia sagaz viabilizada por uma relação de pesquisa estabelecida desde 2010, mas que remonta a relações familiares e memórias de infância. Nascido e criado no bairro do Mutuá, a autor é vizinho da Bandeira e seu avô foi amigo de Mestre Fumaça, principal interlocutor da pesquisa. Potencializado por essa relação de confiança, que culminou no status de *padrinho da folia*, o que se observa é um trabalho de campo experienciado nas diferentes posições e espaços rituais dos giros, ora apoiando o cortejo pelos bairros de São Gonçalo, ora como anfitrião em sua própria casa. Fotografias, croquis e desenhos de autoria de Souza, inspirados no estilo naif de Carybé, oferecem um registro sensível dessa dinâmica ao mesmo tempo em que inserem o autor nas situações etnográficas.

Embora reconheça o legado dos folcloristas para o estudo das folias, Souza não constrói um diálogo que permita um rendimento dessas contribuições para além da chave da “sobrevivência”. É pelo acionamento da literatura antropológica, especialmente a abordagem inaugurada por Carlos Rodrigues Brandão, que o autor define o seu enquadramento teórico-metodológico, tomando as folias como um sistema de prestações totais. As folias se realizam na troca e circulação de coisas e pessoas em relações de amizade, parentesco e devoção. Não é sem razão que Souza privilegia em seu estudo a festa do arremate.

No arremate, o mestre e seus foliões são os anfitriões e convidam os devotos e outras Bandeiras para a celebração na qual são redistribuídos os donativos arrecadados no circuito de visitas. Tratando-se de um grande banquete, o arremate é um ritual privilegiado para observação das redes de sociabilidade foliã em operação e das dimensões hierárquicas e agonísticas desse sistema de dádivas.

Dividida em oito capítulos, incluindo a introdução e as considerações finais, a monografia está estruturada a partir das formulações de Roberto DaMatta sobre a “casa, rua e outro mundo”, dimensões morais definidas relacionalmente pelas quais o autor conceitua os espaços da folia. A partir desse esquema ternário, Souza desenvolve o seu estudo na medida em que segue as peregrinações noturnas pelos bairros de São Gonçalo (rua); a festa do arremate no terreno de Mestre Fumaça (casa); e nos fala dos *saberes carregados* necessários para neutralização de *feitiços* e *bruxarias* (outro mundo).

Nos dois primeiros capítulos, o autor apresenta ao leitor o universo das Folias de Reis e as particularidades da organização social e ritual no meio urbano fluminense. No primeiro capítulo, tomamos conhecimento dos aspectos teórico-metodológicos norteadores da pesquisa, destacando-se as ideias maussianas de fato social total e sistema de prestações totais, as teorias sobre performance e ritual de Victor Turner, e a antropologia do conhecimento proposta por Fredrik Barth. Esse arcabouço teórico é mobilizado em diálogo com os estudos antropológicos sobre folia, destacando-se os

trabalhos de Luzimar Pereira, sobre as dimensões da sociabilidade; de Daniel Bitter, acerca da relação entre coisas e pessoas; e de Wagner Chaves, que trata dos processos de construção e circulação de conhecimento entre foliões.

No segundo capítulo, o autor reflete sobre a sua entrada no campo por meio de laços familiares e o percurso de sua relação com a folia de Mestre Fumaça até se tornar padrinho, quando passa a desempenhar não só o papel de devoto, mas o de mediador cultural. Ao descrever a visita da Bandeira em sua casa, Souza nos oferece uma etnografia do giro desde a perspectiva do anfitrião, fazendo um exercício de objetificação dessa experiência de recebimento da bandeira e das profecias. Nesse relato, os eventuais desconfortos entre as ações do antropólogo anfitrião e a expectativa dos cantadores são potencialmente heurísticos para compreendermos o fundamento em jogo.

No terceiro capítulo, é abordada a questão central da obra: como são realizados os giros em meio urbano? Assim, somos levados a acompanhar a peregrinação dos foliões na periferia metropolitana do Rio de Janeiro, onde o transporte público precário e o deslocamento por áreas dominadas pelo *movimento* do tráfico de drogas levam ao acionamento de uma rede de solidariedade e amizade a partir de relações territorializadas. A ideia de tática, elaborada por Michel de Certeau, é utilizada para compreensão das articulações do Mestre Fumaça para ocupar os espaços da cidade quando não há apoio do poder público e é preciso negociar com o poder local.

Para viabilizar os giros na madrugada por diferentes bairros, é acionada uma rede de motoristas de ônibus e vans de aluguel, cujos vínculos de amizade e reciprocidade com o mestre podem viabilizar o transporte a baixo custo. A “lógica da visita”, como cunhou o autor, visa a garantia da integridade dos foliões ao circularem por um território em constante conflito e disputa. A visita ao devoto anfitrião na semana que antecede o giro, torna-se um pretexto para que o Mestre Fumaça avise e convide os moradores da localidade para a jornada na madrugada prevista, negociando a autorização com o *movimento*.

O quarto capítulo nos traz a festa do arremate, quando são consumidas ritualmente as dádivas ofertadas pelos devotos – em geral, doações em dinheiro ou alimentos. Embora os giros na metrópole fluminense aconteçam entre a noite de natal e o dia do padroeiro carioca, a data do arremate corresponde ao dia do santo de devoção de cada Bandeira – o que a singulariza tanto quanto o seu território. No caso da Nova Flor do Oriente, o arremate é realizado no fim de semana próximo ao dia 4 de dezembro, pois a família de Mestre Fumaça é devota de Santa Bárbara. Cada folia realiza os seus giros e arremate, mas esse último ritual congrega Bandeiras de todo o estado, conformando um calendário festivo de sociabilidade, reciprocidade e confraternização de reisados, sendo uma ocasião em que os prestígios e reputações dos promesseiros estão em disputa.

Com o auxílio de croquis, o autor nos oferece uma etnografia atenta às espacialidades e hierarquizações desse encontro de folias no terreno da casa do mestre anfitrião, chamado de *terreiro*, cujo altar recebe as bandeiras visitantes. A festa – e a troca e circulação de dádivas – se estende para a rua, onde vizinhos, familiares e visitantes que não integram as folias se reúnem em torno de carros de som e barracas de comida e bebida. O ritual de *topagem* das bandeiras instaura a contiguidade entre os espaços da casa e da rua, quando os anfitriões deixam o terreiro para receber os promesseiros convidados.

Assim como os giros, a festa do arremate é realizada na madrugada e, na alvorada, os palhaços se apresentam, com danças e versos com forte caráter de improviso, em seus *pedidos de chegada* ao terreiro. O quinto capítulo é dedicado a essa performance lúdica e competitiva, reveladora de como a festa do arremate é “um campo de redistribuição de bênçãos, mas também um campo agonístico” (:161), tensionando e renovando os laços entre os grupos de reisado. As apresentações dos palhaços se configuram como disputas simbólicas de prestígio, que podem descambar para embates corporais. Assim, coloca-se à prova não apenas as habilidades desses brincantes, mas o prestígio do próprio mestre, que deve cuidar para que nenhum fundamento seja transgredido pelo palhaço que representa a sua Bandeira.

Em seguida, um breve capítulo é dedicado à participação das folias no período das eleições municipais. Por meio de convites para apresentações públicas em coretos e palanques da cidade, os grupos de reisado estabelecem relações com candidatos e as facções políticas. Por outra via, a presença de um representante político na festa do arremate confere prestígio e poder a um mestre e sua Bandeira. Nesses períodos, as festas dos promesseiros chegam a ser remarcadas a fim de acompanhar a dinâmica das redes de aliança e de influência política.

A parte final do livro é dedicada ao “outro mundo e rezas fortes”, distribuindo-se por três capítulos constituídos por uma série de relatos em que *rezas e saberes carregados* são colocados em operação para restabelecer a ordem cosmológica ou proteger os foliões. Em geral, são situações de crise e perigo ocasionadas por transgressão de interditos ou em contexto de liminaridade ritual – notoriamente, a realização das jornadas por ruas e encruzilhadas no período da madrugada.

Ao longo desse estudo, o fundamento é uma categoria êmica amplamente destacada. O domínio desses códigos morais e rituais, sobretudo pelo mestre e pelo palhaço, orienta e hierarquiza as formas de sociabilidade e reciprocidade, mas a sua importância não se esgota nos aspectos sociológicos. O controle e o respeito ao fundamento garantem a eficácia da peregrinação devota no território precário e em conflito à margem do Estado e no espaço liminar da rua, suscetível a toda sorte de feitiços e desgraças. Em *Giros Urbanos*, somos apresentados com riqueza etnográfica aos aspectos que singularizam a recriação pelo imaginário popular da viagem mítica dos Três Reis Magos, na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Lucas Bártolo é Mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e doutorando nesta mesma instituição. Bolsista CAPES.

RECEBIDO: 10/08/2020

ACEITO: 01/09/2020